



LEITURA E LETRAMENTO EM UM NOVO PARADIGMA: A TRANSDISCIPLINARIDADE

Milaine Alves Amaral¹

Fabiana Cristina Pessoni Albino²

GT 1 - Inter e Transdisciplinaridade na Educação

Resumo

O presente artigo foi desenvolvido a partir do tema: o uso da leitura como prática de letramento numa perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar com relato de experiência na Educação Infantil. Apresenta-se como ponto de partida a seguinte problemática: como desenvolver práticas docentes transdisciplinares de leitura como prática de letramento? O trabalho é acadêmico, sendo caracterizado como artigo científico e apresentado em conclusão do curso do programa de pós-graduação em interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na educação da Universidade Estadual de Goiás, (UEG), para obtenção do título de Pós-graduada. A modalidade da pesquisa é teórico-empírica, numa abordagem qualitativa. Tem como objetivo geral reconhecer os conceitos de transdisciplinaridade, de leitura e de letramento com a execução de um projeto de intervenção com crianças da Educação Infantil através de práticas de leituras voltadas para o letramento em um novo paradigma da educação: o da complexidade, onde se baseia e se constroem os pressupostos da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade. Os objetivos específicos da pesquisa foram: caracterizar os termos interdisciplinaridade e transdisciplinaridade; caracterizar o trabalho docente voltado para a complexidade; definir os termos leitura e letramento e seus respectivos usos; analisar e caracterizar o trabalho da professora da instituição pesquisada através de relato de experiência descrito pela própria professora-pesquisadora. Para a escrita e elaboração da pesquisa teórica foram feitos levantamentos bibliográficos de autores estudiosos do paradigma da complexidade e da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na educação, e de autores estudiosos da leitura como prática de letramento. E de pesquisa a campo realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), da rede pública do município de Nerópolis onde foram executado um projeto de intervenção pedagógica, observando as práticas em sala da professora-pesquisadora do agrupamento I, com crianças de dois anos de idade.

Palavras-chave: Leitura. Letramento. Transdisciplinaridade. Educação Infantil.

Introdução

O presente artigo foi elaborado a partir do tema: o uso da leitura como prática de letramento numa perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar com relato de experiência na Educação Infantil. Apresentando como ponto de partida a seguinte questão problema: como desenvolver práticas docentes transdisciplinares de leitura como prática de letramento? A



pesquisa foi realizada a partir de estudos teóricos metodológicos e de pesquisa a campo tendo-se uma visão qualitativa a respeito do uso da leitura como prática de letramento na perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar com relato de experiência na Educação Infantil. Por meio desta pesquisa intitulada *Leitura e letramento em um novo paradigma: a transdisciplinaridade* buscou-se destacar a importância de reconhecer os conceitos de transdisciplinaridade, leitura e letramento e da necessidade de realizar práticas de letramento através do uso da leitura desde a Educação Infantil numa perspectiva transdisciplinar (baseada no paradigma da complexidade).

Para a escrita e elaboração da pesquisa teórica foram feitos levantamentos bibliográficos de autores estudiosos do paradigma da complexidade e da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na educação tais como: Gadotti (2003), Morin (2000), Pinho (2015), Petraglia (2008), Suanno (2015); e de autores estudiosos da leitura como prática de letramento destacando-se: Freire (1983), Freire (1987) e (2002), Kato (1986), Kilian e Cardoso (2012), Lajolo (2001), Martins (1994), Soares (2004); e de pesquisa a campo realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), da rede pública do município de Nerópolis onde foram observada as práticas em sala da professora-pesquisadora do agrupamento I (auto-avaliação, pois a professora é uma das autoras do artigo), com crianças de dois anos de idade.

A pesquisa é dividida em quatro tópicos principais sendo eles, primeiro: caracterização do trabalho docente interdisciplinar e transdisciplinar, onde comenta a respeito da caracterização do trabalho interdisciplinar e transdisciplinar no paradigma da complexidade, fazendo-se uma breve discussão do trabalho docente voltado para esta perspectiva. O segundo tópico: conceituando leitura, vêm trazer o significado e conceito da palavra leitura, os níveis de leitura descritos por Martins (1994). O terceiro tópico traz o conceito do termo letramento que surgiu bem há pouco tempo e que ainda é passível de questionamentos a cerca do seu significado e descrição de seu uso, onde o mesmo tem uma grande probabilidade de se encaixar nos conceitos da complexidade e transdisciplinaridade. O quarto e último tópico trazem as conclusões a cerca da pesquisa a campo realizada em uma instituição pública de Educação Infantil, analisando os dados coletados com as análises teóricas dos autores pesquisados.



Para a escrita do presente artigo foram considerados tópicos relativos à vida, formação e trabalho da professora pesquisadora um relato autobiográfico sobre a história de vida-formação-trabalho) que analisa a sua própria prática. Para tal é de fundamental importância conhecer um pouco a respeito da vida dos autores. Sua formação tanto profissional como pessoal. Reconhecer um pouco de sua trajetória de vida. O que levou a realização de tal trabalho.

História de vida-formação-trabalho

Meu nome é Milaine Alves Amaral, tenho vinte e quatro anos de idade, moro em Inhumas, sou casada há três anos e cinco meses, sou formada em pedagogia já faz um ano e estou cursando uma pós graduação em interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na educação da Universidade Estadual de Goiás, Campus Inhumas; sou concursada como monitora, mas atualmente estou como professora da Educação Infantil com a turma de agrupamento I (com crianças de três anos de idade) em um CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) na cidade de Nerópolis. Sou natural do município de Araçu, mas passei maior parte de minha vida morando no município de Caturai e outra parte na cidade de Inhumas.

Minha família é uma família grande composta por avós, avôs, bisavós primos, tios, cunhados, sogro, sogra sobrinhos entre outros, mas atualmente convivo mais com minha mãe, meu pai, minha irmã e meu esposo. Posso dizer que sou de uma família bem tradicional e que cresci no meio familiar harmonioso. Vivi boa parte da minha infância morando na zona rural, o que para mim foi maravilhoso porque havia espaço para correr e brincar além da tranquilidade que tem em morar na fazenda; nada de tumulto e barulho como na maioria das cidades.

Sou uma pessoa tímida, tenho grandes dificuldades em apresentar trabalhos oralmente para um número grande de pessoas. Sou calada, gosto mais de ouvir do que de falar. Gosto de ler (desde que seja uma leitura que me agrada, caso contrário me disperso); também gosto de escrever. Tive meu primeiro contato com a escola aos quatro anos de idade quando fiz o Pré na Escola Municipal Uni-Duni-Tê em Inhumas, eu adorava a minha



professora que se chamava Livia; lembro que ela ensinou-me o alfabeto, os números e umas musiquinhas bem legais de se cantar. Eu gostava mesmo era dos dias em que ela nos levava para desenhar com giz no pátio da escola e dos desenhos que ela mandava para casa pra gente colorir, e também gostava muito de brincar com um coleguinha que morava perto da minha casa, me lembro de que o nome dele era Guilherme e que todos os dias de aula ele passava no portão da minha casa para me chamar pra nós irmos juntos para a escola; estudei nela somente por sete meses quando minha família e eu voltamos a morar na zona rural.

Por falta de transporte escolar que passasse perto da minha casa tive que ficar um ano sem frequentar a escola, mas logo no ano seguinte comecei a cursar a primeira série do Ensino Fundamental em uma escola da zona rural. A sala que eu estudava era bem grande e estudavam duas séries juntas, acredito que dever ser por sobrecarga de alunos que a minha nova professora não conseguia dar a atenção necessária para cada aluno e assim eu não consegui aprender nada. A situação só melhorou quando trocaram de professora, foi neste momento que consegui voltar a desenvolver nos conteúdos, que naquela época eram trabalhados através de uma cartilha. Continuei nesta escola até concluir a antiga quarta série (hoje quinto ano) do Ensino Fundamental.

Quando comecei a quinta série (hoje sexto ano), agora já em uma escola estadual na cidade de Caturai foi uma catástrofe porque eu não compreendia os conteúdos e nem as explicações dadas pelos professores que trabalhavam suas disciplinas isoladamente. Depois de algum tempo comecei a me familiarizar com o novo processo de ensino e assim comecei a evoluir novamente nos conteúdos e na aprendizagem. Durante todos os níveis de ensino pelos quais passei, encontrei professores que me incentivaram a ler, principalmente no ensino médio que cursei na cidade de Inhumas e que foi o período que mais li e produzi textos; tive a mesma professora durante quase todos os três anos e sempre tinha um dia da semana reservado para leitura e produção de texto. Isto me ajudou muito a desenvolver a leitura, análise e compreensão textual.

Depois que conclui o Ensino Médio em dois mil e nove fiquei dois anos sem estudar, somente em dois mil e onze que decidi com a opinião da minha mãe a prestar vestibular na UEG para o curso de pedagogia; passei em segundo lugar para o curso de pedagogia no



campus de Inhumas e em dois mil e doze comecei o curso. No início e durante todo o curso tive (e ainda tenho) dificuldades em apresentar seminários, pois não tive durante a Educação Básica atividades que introduzissem e estimulassem à apresentação oral. Mesmo assim gostei do curso e principalmente depois que fiz o estágio na Educação Infantil e comecei a trabalhar em um CMEI, pude ver como é bom trabalhar com as crianças menores. Tive a oportunidade de trabalhar durante uns quatro meses no sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental, mas não sei se foi por falta de preparo e qualificação na área, eu só sei que foi um desastre esta experiência que tive.

Vários desafios com relação ao curso foram vencidos e novos ainda virão, mas todos sevem de exemplos para termos determinação e perseverança. Assim que concluí o curso de Pedagogia, já no ano seguinte comecei a fazer pós-graduação na mesma Universidade e no mesmo Campus, agora em dois mil e dezessete estamos na reta final de conclusão da especialização. Depois de concluída a pós-graduação pretendo fazer futuramente um mestrado. Estarei sempre buscando formação e qualificação profissional. Sou concursada com monitora, mas pretendo prestar outros concursos para Pedagoga. Gosto do que faço e apesar dos grandes desafios que encontro na área da Educação é bom estar envolvida neste meio e buscar fazer algo de diferente para transformá-lo.

Uma coisa que tenho certeza é que não é possível saber tudo, e que não há saberes maiores ou menores, mas que há saberes diferentes/diversos. Não há pessoas melhores ou piores, mas sim pessoas diferentes, com pensamentos diferentes, trilhando caminhos diferentes, cultura e valores diversificados e que cabe a mim respeitar, ter ética e moral e reconhecer a igualdade para a diversidade. Este curso de pós-graduação veio acrescentar e trazer conceitos até então desconhecidos por mim, me fazendo ver com outro olhar a maneira como lido com as outras pessoas, com a minha profissão, em suma mudou a forma como lido com o outro em geral.

Somos humanos e humanos erram; quanto ao meu trabalho sei que posso melhorar e muito, mas não somente no trabalho, mas na vida como um todo. Gosto do que faço e adoro trabalhar com crianças pequenas, elas são verdadeiras, livres, sinceras, sabem expressar seus sentimentos e são encantadoras; pelo contrário do que muitos pensam elas são



intelligentíssimas e muito espertas; acredito que deva ser por que nesta fase ainda não lhe inculcaram valores e condutas. Gosto da Educação Infantil e não tenho o intuito e nem vontade de trabalhar em outras fases do ensino.

Tenho alguns sonhos para o futuro, pretendo continuar trabalhando na educação. Existem alguns lugares que quero conhecer. Pretendo ter uma microempresa. Irei fazer Mestrado e quem sabe um dia também faço Doutorado. Tenho interesse e gosto de pesquisar sobre leitura e letramento, tanto que este foi meu objeto de pesquisa da Monografia de conclusão da graduação e também será o tema do meu artigo da Pós-graduação. Tenho vontade de continuar minhas pesquisas e estudos nesta área. A especialização em Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade trouxe-me uma proposta de olhar diferente para o mundo, as pessoas e para eu mesma. Talvez eu não tenha conseguido apreender todos os conceitos relacionados a este paradigma, mas foi um começo e ainda virão muitas outras coisas.

1. Caracterização do trabalho docente interdisciplinar e transdisciplinar

A interdisciplinaridade se caracteriza pelo trabalho em sala de aula voltado para a integração das disciplinas, ou seja, a integração dos saberes, a integração do conhecimento já produzido com a relação de novos conhecimentos, de outros pontos de vistas, de metatemas. Esta trabalha um conhecimento ligando-o as outras áreas dos saberes, a novas percepções e relações; desfazendo assim a compartimentação dos saberes que se construiu historicamente. O que antes era separado, desvinculado um do outro, passa agora a ser pensado e trabalhado de forma integradora. Passa-se a pensar religando saberes. É o conhecimento voltado para todas as partes do processo e não apenas para uma área específica. A busca pelo saber total, mas também parcial. É saber unir, mas também saber separar. É saber separar, é saber unir.

[...]. A interdisciplinaridade pode ser entendida como uma prática mais humanizadora que não pretende soterrar os avanços científicos feitos numa outra ordem de ciência, mas pretende de forma assinalada por autores, como Morin, Japiassú, Fazenda e outros, estar atenta para a complexidade, integralidade e unidade inegável do conhecimento. Fica claro que a ciência moderna, ao se aprofundar na experimentação, criou uma cátedra de pesquisa que enovelou o que teria outras marcas de diálogo, não



mostrando plenamente o objeto de análise. Desse modo, passamos, como cultura de geração, muito tempo negligenciando o todo, porque nas partes já se presumia tê-lo. [...]. (PINHO, 2015, p.35)

Já a transdisciplinaridade se caracteriza pela busca da formação do sujeito complexo. Um sujeito capaz de ser e de se reconhecer como parte de um todo. Um sujeito que sabe separar e religar conhecimentos. Um indivíduo autônomo e ativo na sociedade; que participa e interage com o meio. Que conhece o local e o global. A transdisciplinaridade busca a integração total do ser, articulando razão, emoção, corporeidade e transformação. É uma congruência entre sentir, pensar e fazer/agir. Não somos apenas razão ou emoção. Somos um todo onde cada parte contribui e colabora para a construção do ser; somos Sapiens (evolutivo), Faber (construtor), Demens (demência), Ludens (lúdico) e Mytologicus (mitológico/espiritual). Somos sujeitos histórico, social, cultural, biológico, cognitivo, subjetivo, psicoafetivo, planetário e enigmático.

A metodologia transdisciplinar, sistematizada por BasarabNicolescu (1999) desvela uma nova maneira de olhar o mundo, o cosmo; de interpretar os fenômenos e a espécie humana. Para tanto, requer reformar o seu próprio pensamento, atitudes e relações humanas e pedagógicas, apontando para a construção de uma ética planetária, respeitando a vida e cultura, acolhendo todas as etnias, nações e grupos humanos. Essa metodologia, lado a lado com o Método Científico, significa que os professores trabalhariam com duas lógicas e dois sistemas de pensamento. (PINHO, 2015, p.22-23)

Pensar e agir transdisciplinar no trabalho docente é reconhecer o conhecimento que está nas disciplinas, entre as disciplinas e para além das disciplinas. É considerar o indivíduo (aluno) como um ser complexo, multidimensional, que traz consigo sua história, suas origens, sua cultura, suas visões de mundo e que também traz em sua subjetividade sua relação com as emoções, com a espiritualidade, seus dogmas e crenças, sua relação com o bem e o mal. Reconhecendo assim que não somos apenas razão ou emoção, mas que somos razão, emoção e corporeidade (relação com o meio/forma com que nos relacionamos com o mundo objetivo e subjetivo). Que somos seres uno e multidimensional.

A esse problema universal confronta-se a *educação do futuro*, pois existe inadequação cada vez mais



ampla, profunda e grave entre, de um lado, os saberes desunidos, divididos, compartimentados e, de outro, as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários. (MORIN, 2000, p.36)

O trabalho docente deve reconhecer que a educação complexa e transformadora é necessária à sobrevivência humana. “Uma educação complexa tem o papel de propiciar reflexão e a ação de resgatar a nossa essência e a nossa humanidade, acenando com novas perspectivas de resistência, emancipação e felicidade. (PETRAGLIA, 2008, p. 35)”. Necessitamos apropriar de nossa cultura; daquilo que já foi produzido, mas necessitamos também reconhecer que fazemos parte desta cultura e que nossas ações são relevantes para o reconhecimento e a necessidade de ações urgentes de transformação para com os indivíduos uns com os outros e para com o mundo. Uma transformação voltada para o reconhecimento de mudanças de atitudes. Reconhecer que somos iguais em nossas diferenças (igualdade na diferença/e para a diferença).

Assim se faz necessário reconhecer que fazemos parte de um mundo maior, ou seja, que existem diversas culturas e meios sociais e que nenhum se sobrepõem ao outro (aprender a conviver e respeitar o diferente/o incomum). Aprender a encontrar a paz interior/paz de espírito (encontrar o meu eu). Reconhecer a natureza como fonte de vida e que os erros já cometidos com a destruição ambiental devem ser banidos, pois a escassez de alguns recursos naturais já nos atinge, e que precisamos mudar ativamente nossas ações posições frente à preservação do planeta (preservação da natureza/preservação da espécie humana).

A crença no progresso levou-nos à esperança que os desenvolvimentos da ciência, da indústria, da economia mundial e da técnica acabariam com os infortúnios da humanidade, só mais tarde perceberíamos tais desenvolvimentos como ambivalentes: incapazes de responder aos desejados desígnios de salvação geral e, ao contrário, ainda capazes de criar uma cisão entre tempo e história, entre ciência e ser humano. Além de não justificar ou minimizar a barbárie, ao longo do processo, foi acirrado o individualismo e, com ele, o isolamento do sujeito. (PETRAGLIA, 2008, p.32)

Precisamos aprender que somos seres inacabados e que estamos em constante aprendizado, em constante formação de conceitos e que precisamos do outro para aprender,



pois o aprendizado só ocorre na troca, na mediação de conhecimento, na relação com a realidade e com a subjetividade. E só há aprendizado quando há reconhecimento da ação, quando há internalização do sentido daquele aprendizado. Aprender não é acumular conhecimento, aprender é saber dar sentido ao aprendido/ao conhecimento, é saber ligar/religar saberes, é saber separar saberes e integrar saberes. Aprender é pensar complexo, interdisciplinar e transdisciplinar. Aprender é saber pensar, questionar, indagar, refletir e concluir. Aprender é reconhecer que o conhecimento não é linear, mas sim auto-eco-organizador. Precisamos aprender a organizar nossas estruturas cognitivas, para sentirmos prazer em aprender a aprender.

Aprender não é acumular conhecimento. Aprendemos história não para acumular conhecimentos, datas, informações, mas para saber como os seres humanos fizeram a história para fazermos história. O importante é aprender a pensar (a realidade, não pensamentos), aprender a aprender. (GADOTTI, 2003, p. 47)

Mas como encontrarmos este caminho do ensinar e aprender interdisciplinar e transdisciplinar? Antes de qualquer coisa nós professores precisamos rever em qual método fomos formados; precisamos desapegar do tradicionalismo sem deixar nossas raízes e nossa essência. Antes de tudo precisamos aprender a desaprender para só assim encontrarmos o caminho da complexidade. Não deixando tudo aquilo que temos de conhecimento e de aprendizado de lado, mas revendo a maneira com a qual lidamos com os nossos conhecimentos e a forma com que os passamos adiante. Se algo não nos faz sentido, logo não terá efeito transformador se o transmitirmos este algo a outro. Para ensinar transdisciplinar é preciso que incorporemos de corpo e alma a complexidade. Precisamos ser e fazer transdisciplinar, para só assim podermos ensinar/mediar um conhecimento pertinente. E o conhecimento só é pertinente uma vez que introduz sentido na vida do mediador (professor) e transformador/integrador (aluno).

O que acontece conosco é que se o que aprendemos não tem sentido, não atender alguma necessidade, não “aprendemos”. O que aprendemos tem que “significar” para nós. Alguma coisa ou pessoa é significativa quando ela deixa de ser indiferente. Esquecemos o que aprendemos sem sentido, o que não pode ser usado. Guardar coisa inútil é burrice. “O corpo aprende para viver. É isso que dá sentido ao



conhecimento. O que se aprende são ferramentas, possibilidades de poder. O corpo não aprende por aprender. Aprender por aprender é estupidez”. (GADOTTI, 2003, p.47- 48)

O ato educativo está ligado ao viver com sentido; ensinar e aprender com sentido. Precisamos despertar o desejo de aprender a aprender, aprender a fazer e aprender a ser, dando enfoque na autonomia e na participação ativa. E, depois de quando internalizado este desejo de aprender, o conhecimento será internalizado naturalmente da maneira com que o indivíduo se relaciona com o seu mundo interior e exterior, uma vez que um não está separado do outro, mas que cada qual exerce sua função e ambos se complementam.

Nossas reflexões apontam para as vicissitudes do sujeito que, ora acredita, ora não, no que é visível e no que é invisível. Ser complexo é poder oscilar entre tudo e nada; entre todo e o fragmentado; entre ordem e desordem; entre o pulsar da vida e a paradoxal estranheza diante da morte. (PETRAGLIA, 2008, p. 33)

Pensar complexo demanda pensar multidimensional e multirreferencial, assim sendo para conhecer a transdisciplinaridade é preciso conhecer a disciplinaridade e a interdisciplinaridade, sendo que uma complementa a outra. A transdisciplinaridade foca na formação integral do ser interior e exterior (sentir, pensar, agir e fazer/razão, emoção e corporeidade). A disciplinaridade foca nas ciências (cada uma em sua área específica/saberes exatos e compartimentados). Enquanto a interdisciplinaridade busca a integração dos saberes; conhecimentos inter-relacionados e intra-relacionados.

Além disso, tanto no ser humano, quanto nos outros seres vivos, existe a presença do todo no interior das partes: cada célula contém a totalidade do patrimônio genético de um organismo policelular; a sociedade, como um todo, está presente em cada indivíduo, na sua linguagem, em seu saber, em suas obrigações e em suas normas. Dessa forma, assim como cada ponto singular de um holograma contém a totalidade da informação do que representa, cada célula singular, cada indivíduo singular contém de maneira “hologrâmica” o todo do qual faz parte e que ao mesmo tempo faz parte dele. (MORIN, 2000, p.37-38)

A transdisciplinaridade trabalha com temas, metatemas, metapontos de vista, metaconceitos. Demanda a religação de temas e conceitos discutindo, pensando e refletindo;



desenvolvendo desta forma vários pontos de vista, varias concepções e conclusões. Reconhecer que fazemos parte um universo maior e que estamos em constante transformação, e que o conhecimento não é algo acabado e exato, mas que como nós, que como o planeta, o conhecimento também esta em constante transformação.

E para tal vivemos em um mundo de incertezas, de desafios e obstáculos. Um mundo de frustrações, de conquistas e de derrotas. Um mundo de verdades e mentiras. Um mundo onde existe o bem e o mal, e para que se mantenha o equilíbrio das coisas na natureza e da natureza para com as coisas é preciso que instauremos o equilíbrio com o nosso ser. Assim sendo precisamos aprender a lidar com as incertezas e com as frustrações do dia a dia. E que se buscamos o caminho para o conhecimento devemos caminhar sobre o caminho do desconhecido, do incerto. A certeza é mesquinha e tola, além de gerar comodidade, desânimo e privar de conhecer o novo, o diferente.

E quem é, hoje, esse sujeito de quem se fala? Atribui-se a ele a função de construir seu conhecimento, de ser o autor de sua própria história e de conquistar sua cidadania. Será ele capaz de enfrentar tais desafios? Estará preparado para essa tarefa formativa? Poderá ser livre e feliz com a passagem do tempo e na convivência com as incertezas? (PETRAGLIA, 2008, p. 34)

A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade pode leva para um mundo de ampliação de consciência. Um mundo onde possa haver constante questionamento. Uma religação das estruturas cognitivas onde se possa restabelecer o sentido do ser (humano) para com o mundo e do mundo para com o ser. A busca pela liberdade e pela libertação das gaiolas as quais muitos vivem aprisionados. Libertar-se do medo, pois o medo pode privar a transformação, a busca do conhecimento. E a liberdade é algo contagiante, que vai de um ao encontro de outro, que alegra e maximaliza, que reconhece a importância da diferença na igualdade. Dai o motivo de ser repreendida pelo tradicionalismo imposto pela política, pelas classes dominantes e pela pedagogia tradicionalista, que reduz em vez de ampliar o conhecimento; que priva em vez de mostrar o caminho; que introduz conhecimento em vez de mediar e transformar.

Estas gaiolas ao qual uma grande parte da sociedade foi submetida são resultado de



um processo separatista, compartimentalista, reducionista, construído historicamente e que precisa urgentemente ser rompido. E só a liberdade tem o papel e a função de abrir caminhos para o novo, para a transformação, para a desorganização e reorganização, para o diferente, o questionável e inevitável.

2. Conceituando leitura

Para compreendermos a função da leitura na formação da criança, é preciso, inicialmente, entender o significado da palavra para depois poder diferenciar as várias formas de conceber e conceituar o uso do termo, que pode variar dependendo da colocação e do contexto ao qual está sendo utilizado. O processo histórico da leitura é amplo e demanda relação entre leitor, texto, leitura, contexto dentre muitos outros fatores. Para Kilian e Cardoso (2012) a iniciação da leitura surgiu na Babilônia, região da Mesopotâmia do antigo Egito; de acordo com os relatos históricos, esse processo passou por várias fases desde a leitura oral até a codificada e decodificada. Outro fator relevante na definição e conceitualização de leitura são os processos históricos que as sociedades sofreram e continuam a passar: estes são de fundamental importância para a construção e constituição da leitura e do leitor.

Nesse sentido, a leitura passou por vários caminhos. Inicialmente, cumpria seu papel por meio da oralidade; após, houve a invenção da leitura silenciosa na Grécia Antiga; e, hoje, articula-se com os mais variados processos de circulação, especialmente, com a mídia eletrônica (CAVALLO, CHARTIER; apud KILIAN, CARDOSO, 2012 p.02).

Assim sendo, notamos que a leitura ao longo dos tempos foi sendo introduzida na vida e no cotidiano das pessoas e que atualmente é algo imprescindível para as relações deste para com o meio social.

Saber ler e escrever, além de fundamental para o exercício de graus mais complexos de cidadania, constitui marca de distinção e de superioridade em nossa tradição cultural. Tanto para indivíduos quanto para coletividades. Povos sem escrita costumam ser considerados inferiores, sem história, bárbaros. Talvez por isso tenha tanto prestígio com um conceito de literatura que a articula tão estreitamente a manifestações escritas (LAJOLO, 2001, p. 30).



Desta forma, definir o conceito de leitura é mais amplo que o ato de decodificar códigos, ou seja, ler os símbolos usados na escrita. É preciso antes de qualquer coisa compreender o quão é complexo o ato de ler. A leitura vai além da decodificação e depende da visão e compreensão dada aos símbolos por aquele que os lê. São vários os fatores responsáveis e que podem influenciar na conceituação do termo leitura e dentre eles podem ser destacados a história e todo o processo de construção e formação de leitores, o ambiente, a cultura, a sociedade, a escolaridade e a capacidade de criticidade e autonomia do leitor.

Segundo Martins (1994) a leitura inicia-se antes mesmo da decodificação de sinais gráficos. As considerações desta autora a respeito de leitura partem de um pressuposto construído por Freire (1987, p. 22) que diz que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.

Desta forma, Martins (1994) apresenta uma discussão que nos leva a compreender que a leitura possui três níveis: sensorial, emocional e racional, que devem ser compreendidos não como etapas bem delineadas e excludentes, mas como partes integrantes de um todo e que resultará na formação do leitor. Estes níveis de leitura não ocorrem separadamente podendo um influenciar no outro ou ocorrem ao mesmo tempo de forma dinâmica e colaborativa.

Cada um desses três níveis corresponde a um modo de aproximação ao objeto lido. Como a leitura é dinâmica e circunstanciada, esses três níveis são inter-relacionados, senão simultâneos, mesmo sendo um ou outro privilegiado, segundo a experiência, expectativas, necessidades e interesses do leitor e das condições do contexto geral em que se insere (MARTINS, 1994, p.37).

Estas três concepções de leitura são influenciadas por variados fatores. A leitura sensorial é caracterizada como a leitura feita principalmente na fase da infância e é o tipo de leitura que não necessita de aquisição de conhecimento, pois esta é feita por meio dos sentidos. É a forma como descobrimos desde que nascemos em entender o novo mundo ao qual passamos a fazer parte; absolvemos aquilo que agrada os nossos sentidos.

Um exemplo deste nível de leitura é a música de ninar que nos acalenta quando pequenos; mesmo sem compreender nada do que está sendo dita na letra da canção sabe que agrada a nossa audição aquele som produzido pela voz de quem nos acalenta. Mais tarde



ouvimos sons que agradam aos nossos ouvidos pelo mesmo sentido que quando bebê, pois sem entendermos a letra de uma música em inglês o som e a melodia produzida faz bem aos nossos sentidos. E isto nos acompanha por toda a vida e a todo o momento estamos fazendo uso da leitura sensorial; sendo esta uma forma de se inserir no mundo buscando sempre o que nos faz bem.

Com os livros ocorre a mesma coisa; escolhemos um exemplar, inicialmente, pela impressão que a capa nos causa e não pelo conteúdo.

A leitura sensorial vai, portanto, dando a conhecer o leitor o que ele gosta ou não, mesmo inconscientemente, sem necessidade de racionalizações, justificativas, apenas porque impressiona a vista, o ouvido, o tato, o olfato ou o paladar. Por certo alguns estarão a pensar que ler sensorialmente uma estória contada, um quadro, uma canção, até uma comida é fácil. Mas como ler assim um livro, por exemplo? (MARTINS, 1994, p.42).

De acordo com as concepções desta autora, após a leitura sensorial vem à leitura emocional que aborda o sentimento como principal influência. Ela é entendida, segundo Martins (1994), como a leitura feita em busca de satisfazer um sentimento que é aflorado no momento de leitura do objeto lido. Aqui se escolhe livros pelo título, tema, imagens representadas; neste tipo de leitura não há a criticidade por parte do leitor que age de forma pacificadora com relação à mensagem transmitida e esta tem um impacto de satisfazer uma fantasia muita das vezes provocadas pelo estado ou classe em que se encontra o leitor.

Na leitura emocional emerge a empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação e circunstâncias experimentadas por outro, isto é, na pele de outra pessoa, ou mesmo de um animal, de um objeto, de uma personagem de ficção. Caracteriza-se, pois, um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora de nós. Implica necessariamente disponibilidade, ou seja, predisposição para aceitar o que vem do mundo exterior, mesmo se depois venhamos a rechaçá-lo. (MARTINS, 1994, p.51-52).

Diferentemente das demais, segundo Martins (1994), a leitura racional é aquela em que o leitor usa da razão pra compreender o texto lido. A influência das concepções e visões defendidas pelo leitor. Desta forma, este faz uma leitura crítica buscando reconhecer a concepção adotada por si no texto lido. Esta é a forma de leitura feita por meio da posição do



leitor com relação à mensagem a ser transmitida, assim constroem-se diferentes leituras através de diferentes leitores e diferentes concepções de leitura. Constrói-se aqui a leitura que enfatiza a essência do texto, ou aquilo que se encontra implícito.

A leitura a esse nível intelectual enfatiza, pois, o intelectualismo, doutrina que afirma a preeminência e anterioridade dos fenômenos intelectuais sobre os sentimentos e a vontade. Tende a ser unívoca; o leitor debruça sobre o texto, pretende vê-lo isolado do contexto e sem envolvimento pessoal, orientando-se por certas normas preestabelecidas (MARTINS, 1994, p.63-64).

Diante dos pressupostos apresentados por esta autora, que mostram que o ato de ler não está restrito à decifração da escrita, podemos perceber a importância da questão cultural e social, implícitos na importância da leitura na formação do indivíduo:

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações sociais, política, econômica e cultural (MARTINS, 1994, p.22).

A história é todo o processo pelo qual nosso país passou desde o período da colonização até os dias atuais. O ambiente é entendido como o espaço em que o indivíduo se encontra no momento da leitura; a sociedade e cultura é o meio ao qual o indivíduo está inserido e como as influências daqueles com os quais ele conviveu e convive reflete em suas ações e nas relações com as outras coisas a sua volta. A escolaridade influencia e é influenciada pela capacidade de criticidade e autonomia que cada um de nós possui ao definirmos algo. Como afirma Paulo Freire (1987, p. 11):

[...], processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, [...].

As afirmações de Freire (1987) mostram-nos que ler é muito mais que decifrar símbolos gráficos e é visto desde o nascimento do indivíduo como uma forma por meio da qual observamos e sintetizamos as coisas a nossa volta e o que delas absorvemos para nos



constituirmos como pessoa. Assim sendo, esta leitura por meio da qual observamos o mundo que nos cerca, pode ser definida conforme as considerações de Martins (1994) como a leitura sensorial, um estágio de leitura que não se perde após a leitura e decifração de códigos, mas sim que se acrescenta. Neste processo de construção e desconstrução há uma relação constante entre aquilo que aprendemos com o outro e o que existe internalizado dentro de nós; processo este em que a leitura está sempre ativa, pois é por meio dela que aprendemos a compreender o mundo a nossa volta.

Como exemplo disto pode ser citado à maneira com que olhamos os objetos a nossa volta. Uma criança pequena, de uns três a quatro anos, que ainda não sabe ler símbolos escritos ao pegar um livro representando uma historinha por meio de desenhos poderá olhar para tal de forma a achar interessante tais gravuras e fazer uma leitura destas, mas que, com o passar do tempo, ao pegar novamente o mesmo livro este pode não lhe chamar mais a atenção. Fazendo assim uma leitura diferenciada da que ela havia feito há alguns anos atrás.

Isto se deve ao seu nível de desenvolvimento que já absorveu a mensagem transmitida por tais imagens; necessitando agora de algo mais complexo que lhe instigue a descoberta e o interesse pelo novo. Isto acontece por causa da forma como a criança olha para o livro e para a mensagem que ele lhe transmite e como ela internaliza tais reflexos. Assim o texto deverá estar relacionado com o contexto ao qual o indivíduo está inserido, para que este realmente compreenda a verdadeira importância da compreensão da realidade vivida com a linguagem escrita.

De acordo com Freire, (1987, p.12) “linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” Desta forma, a realidade vivida pelo educando influencia na maneira com que ele olhará para a mensagem transmitida pelo texto. E antes de descobrir a linguagem codificada das letras, a leitura é vivenciada e experimentada por meio do ambiente que o rodeia, conforme afirma Martins (1994, p.17) “[...] e dar a conhecer o leitor a si mesmo através do que lê e como lê.” Ao se colocar no ambiente lido o leitor se posicionará tal qual ele se vê naquele momento e como a mensagem transmitida pelo texto foi internalizada e o que ela lhe proporcionou. Segundo Soares (2004, p. 10), “que, de



um mesmo texto, diferentes leitores constroem diferentes leituras”.

Assim sendo, compreendemos que diferentes leituras surgem a partir de um mesmo texto e que por meio destas diferentes leituras podem ser construídos outros diferentes textos. Isto se deve ao fato de diferentes pessoas terem compreensões diferenciadas e serem influenciadas pelo meio e contexto ao qual estão inseridas e de como elas posicionam frente à mensagem que lhe está sendo transmitida. Para Martins (1994, p.21)

A interação das condições internas e subjetivas e das externas e objetivas. Elas são fundamentais para desencadear e desenvolver a leitura. Seja quem for o leitor, o ato de ler sempre estará ligado a essas condições, precárias ou ideais.

Assim entender estes tipos de leitura demanda compreender a defasagem da leitura em nosso país que é algo complexo e há por trás todo um processo histórico que sempre privilegiaram as classes de elite e persuadiram as classes de massa com políticas de inclusão que mais excluem que incluem. Para tal, devemos estar atentos à relação existente entre leitor e leitura e que ambos influenciam uns nos outros.

3. Conceituando letramento

Há umas três décadas e meia surgiu a palavra letramento que define bem esta relação existente entre leitor, texto e contexto. O letramento nos mostra uma nova forma de conceber o ato de ler que vai além da decodificação de símbolos e que apesar deste fator imprescindível da leitura há a necessidade de o leitor saber compreender o significado do texto e saber utilizarem deste no meio ao qual está inserido.

Desta forma, nossa perspectiva nesta pesquisa, é apresentar uma proposta de leitura que amplie o conceito de decodificação de sinais gráficos e que contemple a formação crítica e social do leitor.

[...] a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. Em outras palavras: do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever – *alfabetizar-se*, deixar de ser *analfabeto*, tornar-se *alfabetizado*, adquirir a “tecnologia” do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura



e de escrita – tem consequências sobre o indivíduo, e altera seu *estado* ou *condição* em aspectos sociais, psíquicos, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica e linguística (SOARES, 2004, p. 17-18).

As considerações desta autora a respeito das consequências da escrita no âmbito cultural, político, econômico e cognitivo, nos leva a um entendimento que permeia as discussões sobre a formação do leitor, que amplia o conceito de alfabetização: o letramento.

No Brasil, o termo surgiu por volta da metade dos anos de 1980, sendo assim, a palavra letramento é recém-chegada a língua portuguesa. Esta está por sua vez ligada a outros termos muito comuns no nosso vocabulário, como as palavras alfabetização, letrado, iletrado e analfabeto; não há ainda uma definição exata do significado desta palavra e um de seus primeiros relatos estão no livro “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística” de 1986 da autora Mary Kato. Há muitos que digam que a palavra originou de “literacy”, palavra da língua inglesa, mas que originou do latim e significa estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever.

É esse, pois, o sentido que tem **letramento**, palavra que criamos traduzindo “ao pé da letra” o inglês *literacy*: **letra-**, do latim *littera*, e o sufixo **-mento**, que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em *ferimento*, resultado da ação de *ferir*. **Letramento** é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita (SOARES, 2004, p. 18).

O letramento enfatiza esta compreensão do todo, desconstituindo o entendimento que tinha do alfabetizado e da função da alfabetização, de capacitar pessoas para a aquisição e decodificação da escrita, agora, indo além, em busca de uma conjunção destes dois fatores, mas com o intuito de inseri-los na vivência social, fazendo deste uma prática cotidiana. O nosso histórico de alfabetização mostra o quanto são poucos os que passaram por esta fase em sua vida; se pensarmos neste como um ponto para esta discussão veremos o auto índice de indivíduos que não foram alfabetizados ao longo dos anos, e isto não por opção destes, mas por uma gama de fatores que foram responsáveis por este fim.



[...], um alto número de pessoas que evidenciam *não viver em estado ou condição de quem sabe ler e escrever*, isto é, pessoas que não incorporaram os usos da escrita, não se apropriaram plenamente das práticas sociais de leitura e de escrita: em síntese, não estão se referindo a índices de **alfabetização**, mas a níveis de **letramento** (SOARES, 2004, p.23)

Se os analfabetos são aqueles que não adquiriram o processo da escrita e da leitura, os ditos alfabetizados são aqueles que possuem um mínimo domínio da escrita e leitura. Pela lógica do sistema considerar-se-ia iletrado aqueles que, adquirido os meios da escrita e leitura, porém, não utilizando destes no meio social do qual faz parte. Soares (2004, p. 24), ressalta que “uma última inferência que se pode tirar do conceito de letramento é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a letramento).”

Este indivíduo pode assim sendo, fazer uso de práticas sociais de leitura e escrita, de maneira indireta, ou seja, pode ser conduzido por outrem no uso e na inserção destas práticas. Um exemplo bastante claro é quando uma pessoa que ainda não adquiriu para si o processo da escrita e da leitura, mas que, auxiliado por outra que tem domínio em tal processo, construa uma mensagem; sendo que ambas tiveram papéis diferenciados nesta construção. Primeiramente as ideias de formulação ficaram a cargo da pessoa que não tem o domínio da escrita e leitura dos símbolos utilizados na escrita, e que, a segunda parte, de codificação ficou sobre responsabilidade de quem dominava tais meios.

Outro ponto importante de ser relatado sobre como analisamos e compreendemos o significado de letramento é de que vivemos em uma sociedade onde uma grande maioria é marginalizada do processo de aquisição de conhecimento, contudo estamos cercados por uma gama de imagens; estas nos transmitem variadas mensagens e significados. Assim sendo, quando compreendemos o significado da imagem de um objeto ou de um sinal gráfico, como, por exemplo, uma placa de trânsito representada pela letra “e” com um traço atravessado, que quer dizer “proibido estacionar”, entendemos que não nos remetemos ao significado da letra, mas ao significado dado a ela em determinado momento e que muitos compreendem deste mesmo sem saber ler e escrever, isto porque o meio ao qual ele está inserido lhe transmitiu



este conhecimento.

Soares (2004) enfatiza que estas diferenças são cruciais para podermos diferenciar as atribuições de alfabetização e letramento e que ambos são elementares para repensarmos nossas práticas educacionais.

Esses exemplos evidenciam a existência deste fenômeno a que temos chamado **letramento** e sua diferença deste outro fenômeno a que chamamos *alfabetização*, e apontam a importância e necessidade de se partir, nos processos educativos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita voltados seja para crianças, seja para adultos, de uma clara concepção desses fenômenos e de suas diferenças e relações (SOARES, 2004, p.24-25).

Notamos, por meio das considerações da autora, a relação entre alfabetização e letramento, e que mesmo que sendo múltiplas as interdependências entre ambos, há ainda variáveis que diferenciam a conceitualização e o entendimento com relação aos significados dados e aos meios dos quais destes utilizam. Outro ponto a ser destacado é a dimensão social que deve ser enfatizada e a grande relevância desta para a constituição de uma sociedade mais sólida; o letramento tem aqui a importante contribuição de dar as pessoas à oportunidade de se desenvolverem e de fazerem diferenças significativas não somente para si, mas para o todo. Seria assim uma troca dialética onde o meio contribui de certa forma para o desenvolvimento do indivíduo e este retribui com ações colaborativas e construtivas, sendo ambos interdependentes e colaborando com o desenvolvimento uns dos outros.

Não apenas o processo de aprendizagem de habilidades de leitura, escrita e cálculo, mas uma contribuição para a liberação do homem e para seu pleno desenvolvimento. Assim concebido, o letramento cria condições para a aquisição de uma consciência crítica das contradições da sociedade em que os homens vivem e dos seus objetivos; ele também estimula a iniciativa e a participação do homem na criação de projetos capazes de atuar sobre o mundo, de transformá-lo e de definir os objetivos de um autêntico desenvolvimento humano (PERSÉPOLIS, Apud BHOLA, 1979, p.38).

A educação voltada para a perspectiva do letramento deve buscar atender não somente as séries iniciais ou o processo de alfabetização, mas permear por todas as etapas do ensino e ser um meio de constituição do indivíduo humano. As instituições de ensino deverão buscar abrir caminhos que privilegiem as relações das ações entre as pessoas; os conteúdos



devem estar voltados para as relações sociais colaborativas.

4. Relato de experiência de práticas de letramento em uma visão transdisciplinar na Educação Infantil

A pesquisa que fiz foi realizada em uma instituição de Educação Infantil da rede pública municipal da cidade de Nerópolis e tem o intuito de descrever um pouco a respeito da prática de atividades de leitura como prática de letramento numa perspectiva transdisciplinar que desenvolvi com crianças do agrupamento I (denominação da turma), que tem a idade entre 02 e 03 anos de idade. Trabalho como professora nesta instituição já há dois anos e estou com esta turma faz 04 meses.

A Educação Infantil é uma fase onde à criança começa a formar e constituir sua identidade e autonomia. Na perspectiva histórica da Pedagogia da Infância, à criança assim como qualquer outro indivíduo da sociedade é um ser de direitos, não podendo ser lhe negada o acesso a Educação, alimentação, higienização, integração, socialização, desenvolvimento e autonomia; com isto o trabalho pedagógico deve estar voltado para a relação cuidar e educar.

O cuidar e o educar são indissociáveis e um depende do outro para seguir caminhada; desta forma o educador deve estar com o olhar atento para a sua prática cotidiana e não deixar que a mesma se perca e se transforme em um ato rotineiro e repetitivo de pura mecânica como bem define Charles Chaplin no filme: Tempos Modernos. O Educador Infantil deve procurar sempre refletir sobre sua prática e buscar meios de aprimorá-la; seu papel deve ser o de abrir caminhos onde a criança possa fazer descobertas, se descobrir e reinventar o mundo que vive; se integrar na sociedade, conhecer sua cultura e ter autonomia para fazer suas escolhas e tomadas de decisões.

Assim é importante buscar trabalhar com elas conteúdos que enriqueçam seu conhecimento e aprimorem seu potencial de desenvolvimento como letramento através da leitura. E se buscamos formar cidadãos críticos devemos desde cedo trabalhar com as crianças conteúdos enriquecedores, pois o conhecimento é algo que se constrói ao longo dos anos.

Esta proposta do uso da leitura como prática de letramento é como uma base e através dela será trabalhado tanto outros conteúdos, buscando desenvolver as habilidades



matemáticas, linguísticas, musicais e as expressões artísticas; respeitando o tempo de cada criança e as suas relações com os materiais usados no desenvolvimento de cada atividade bem como a sua integração no grupo.

Assim o trabalho docente nesta instituição é formulado através de seis eixos temáticos que tem o intuito de guiar a prática do professor no planejamento e realização das atividades. São estes: identidade e autonomia; linguagem oral; matemática; música e movimento; natureza e sociedade e artes visuais, onde se busca trabalhar a formação integral numa visão global do ser humano.

A proposta que formulei foi introduzir no cotidiano destas crianças o contato com livros, a escrita, desenhos e imagens. Utilizando de variados recursos, como: livros, filmes, gravuras, jornais, gibis, televisão, cartazes, entre outros. Tendo o objetivo de familiarizar as crianças com estes meios de leitura e de ressaltar a criação do gosto pela leitura. Como as crianças são ainda muito pequenas e não sabem decodificar e codificar a escrita, minha proposta baseia-se na leitura sensorial, no que diz Martins, 1994, p. 42 “A leitura sensorial vai, portanto, dando a conhecer o leitor o que ele gosta ou não, mesmo inconscientemente, sem necessidade de racionalizações, justificativas, apenas porque impressiona a vista, o ouvido, o tato, o olfato ou o paladar.”

Desta maneira percebo que às crianças praticaram à leitura das imagens, das texturas, das cores. E passaram a ter contato com a escrita, mesmo não compreendendo-a, vejo que esta passou a ser uma forma de introdução e condução ao mundo das palavras. Passou-se a fazer parte do mundo da escrita e do uso desta, mesmo que seja ainda só pelo prazer em folhear o livro ou visualizar as imagens, de certa forma já são praticas de letramento; é a introdução e apropriação tanto de sua cultura como também de outras culturas. É imaginar, criar e recriar histórias.

São momentos onde às crianças passam a participar de rodas de leitura. De parar para ouvir a história que está sendo contada. De ter um momento reservado para que cada uma individualmente possa manusear o livro ou de até mesmo formar outras rodas de pequenos grupos de próprias crianças, e de uma delas recontarem a história a sua maneira para as outras da roda.



Minha experiência com estas crianças no uso da leitura foi enriquecedora para minha formação e também para práticas docentes futuras. Pois pude perceber que de pequenas e simples coisas é que se constroem grandes feitos. Sei que posso avançar e muito em práticas diferenciadas que resgatem o que há de emergente na educação, mas o que fiz para com estas crianças foi enriquecedor pois percebo que despertei em muitas delas o gosto pelos livros, pelas histórias, pelas imagens, e acredito que isto será levado durante toda a vida destas crianças.

Considerações finais

Surge assim uma didática emergente, complexa e transdisciplinar. Com foco voltado para a aprendizagem. Buscando reintroduzir o sujeito cognoscente na produção do conhecimento. Um sujeito pensante, ativo, reflexivo, crítico, autônomo, complexo, que conhece, reconhece e produz conhecimento. Um sujeito que tem vez e voz perante a sociedade tanto local quanto planetária. Uma didática que dá ênfase na mediação de conhecimento pertinente. Onde o sujeito (indivíduo), possa produzir conhecimento e atribuir este ao seu meio social, a sua cultura, a sua existência assumindo uma perspectiva multidimensional e mutirreferencial. Um processo de ensino onde a aprendizagem seja contínua e conceitual. Com o papel de mediador do conhecimento, os professores precisam construir e colaborar para a formação desta ideia de que cabe a educação a função da formação deste sujeito auto-eco-organizador; uma educação voltada para a cidadania e a realização humana.

Referências

BHOLA, H. S. **Evaluating functional literacy**. Amersham: Hulton Educational Publications; Tehran: International Institute for Adult Literacy Methods. 1979.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. 09 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 17 ed. São Paulo: Cortez, 1987.



_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 22 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido.** Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

KATO, Mary. **No mundo da escrita:** uma perspectiva psicolinguística. Ática, 1986.

KILIAN, Carina; CARDOSO, Rosane Maria. **Práticas de leitura literária:** os casos de França e Brasil. 2012. 10p. Disponível em:
<<http://www.unifra.br/eventos/sepa2012/trabalhos/5338.pdf>>. Acesso em: 05abril 2017.

LAJOLO, Marisa. **Literatura:** leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2 ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PETRAGLIA, Isabel. **Educação complexa para uma nova política de civilização.** In: Revista Educar. Curitiba, n.32, p. 29-41, 2008.

PINHO, Maria José. et al. **Complexidade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade na Educação Superior.** Ferraz (orgs) – Goiânia. Ed. Espaço acadêmico, 2015.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 02 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.